

## A COOPERAÇÃO TÉCNICA INTERNACIONAL EM ENOTURISMO NA REGIÃO UVA E VINHO, SERRA GAÚCHA, BRASIL<sup>1</sup>

Edegar Luis Tomazzoni\*

Vander Valduga\*\*

Mary Sandra Guerra Ashton\*\*\*

**Resumo:** O objetivo desse artigo é analisar as ações de cooperação técnica internacional em enoturismo das organizações da Região Uva e Vinho (RS, Brasil). O método de pesquisa consiste em análise documental, entrevistas com os gestores das organizações envolvidas e análise de conteúdo das respostas dos entrevistados. A Região Uva e Vinho compreende 47 municípios e conquistou seu desenvolvimento em razão da produção vitivinícola e do enoturismo nas suas 600 indústrias que produziram, em 2013, 48 milhões de litros de vinhos finos, com 74 milhões de quilos de uvas viníferas. Entre os exemplos de ações de cooperação técnica recebida, ressaltam-se as frequentes viagens a destinos de enoturismo sulamericanos, europeus e norteamericanos, para participações em congressos, cursos de capacitações e eventos para a transferência de conhecimentos. Conclui-se que a Região Uva e Vinho tem potencialidades de maior desenvolvimento do enoturismo, com base na economia criativa, por meio da atuação em cooperação técnica internacional.

**Palavras-chave:** Cooperação Técnica. Enoturismo. Economia Criativa. Região Uva e Vinho (Brasil).

### THE INTERNATIONAL TECHNICAL COOPERATION IN WINE TOURISM AT THE GRAPE AND WINE REGION, SERRA GAÚCHA, BRAZIL

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze the international technical cooperation activities of the wine tourism organizations of the Grape and Wine Region (RS, Brazil). The research method consists of document analysis, interviews with managers of the organizations involved and content analysis of the respondents' answers. The Grape and Wine Region comprises 47 municipalities and won its development because of the wine production and wine tourism at its 600 industries which produced, in 2013, 48 million liters of fine wines with 74 million kilograms of wine grapes. Among the examples of actions of technical cooperation received are the frequent trips to South Americans, Europeans and Americans wine tourism destinations, for participation in conferences, training courses and events for knowledge transfer. The conclusion is that the Grape and Wine Region has potential for further development of wine tourism, based on the creative economy, through international technical cooperation.

**Keywords:** Technical Cooperation. Wine tourism. Creative Economy. Grape and Wine Region (Brazil).

### COOPERACIÓN TÉCNICA EN TURISMO INTERNACIONAL EN LA REGIÓN DE LA UVA Y VINO, SERRA GAUCHA, BRAZIL

**Resumen:** El propósito de este trabajo es analizar las actividades de cooperación técnica internacional en las organizaciones empresariales y la uva de vino Denominación de Origen (RS, Brasil). El método de investigación consiste en el análisis de documentos, entrevistas con los gerentes de las organizaciones involucradas y análisis del contenido de las respuestas de los encuestados. La Región Uva y el Vino comprende 47 municipios y ganó su desarrollo debido a la producción de vino y el turismo del vino en sus 600 industrias que produjeron en 2013, 48 millones de litros de vinos finos, con 74 millones de kilos de uvas de vino. Ejemplos de actividades de cooperación técnica recibidas, que hacen hincapié en los frecuentes viajes a destinos enoturísticos de sudamericanos, europeos y americanos, para la participación en congresos, cursos y eventos para la transferencia de conocimiento. Se concluye que la Región Uva y el Vino tiene potencial para un mayor desarrollo del turismo del vino, sobre la base de la economía creativa, a través de operaciones de cooperación técnica internacional.

**Palabras clave:** Cooperación técnica. Enoturismo. Economía Creativa. La uva y el vino Región (Brasil).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional.

\*\* Doutor em Ciências da Comunicação, Linha de Pesquisa em Turismo – ECA/USP. Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Graduado em Engenharia Química pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisador e Docente no Mestrado em Turismo, no Mestrado em Mudança Social e Participação Política e no Curso de Lazer e Turismo, na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. [[eltomazzoni@usp.br](mailto:eltomazzoni@usp.br)]

\*\* Doutor em Geografia – UFRGS. Mestre e Graduado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Pesquisador e Docente no Mestrado em Turismo e no Curso de Turismo, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. [[vandervalduga@gmail.com](mailto:vandervalduga@gmail.com)]

\*\*\* Doutora e Mestre em Comunicação Social, Especialista em Produção e Gestão do Turismo e Bacharel em Turismo, todos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Pesquisadora e Docente no Mestrado em Indústria Criativa e no Curso de Turismo, na Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. [[marysga@feevale.br](mailto:marysga@feevale.br)]

Avaliação cega por pares / Double blind review process – Editor científico / Scientific editor: PhD Thiago D. Pimentel  
Recebido em, 17 de setembro, 2015; aceito em 16 de agosto, 2016; publicado online em 26 de setembro, 2016.  
Received on September 17, 2015; accepted on August 16, 2016; published online on September 26, 2016.

## I INTRODUÇÃO

O turismo é atividade interdisciplinar e multidimensional, em razão da sua diversidade de segmentos, nos campos acadêmico-científico e socioeconômico. No âmbito científico, em que ainda se questiona a consolidação epistemológica da teoria turística, os estudos vão desde os sistemas, até a segmentação mercadológica do setor, bem como as conceituações propostas por pesquisadores e estudiosos.

Jafari, Krippendorf, Cuervo, Molina, Fuster, Tribe, Urry, Beni e Foster estão entre os autores que propuseram modelos sistêmicos de representação analítica da complexidade do turismo. Para Schuch (2001), o modelo de Foster é didático e objetivo em que as atividades centrais do turismo são o alojamento, transporte, atrativos e serviços de apoio.

Essas atividades desdobram-se em segmentos, cuja importância depende das características inexoráveis do destino turístico, além da capacidade de gestão dos atores, tanto isoladamente, com base nas mentalidades empreendedoras quanto por meio de estratégias de articulação em redes de cooperação, por meio de parcerias. Cadeias produtivas, aglomerados econômicos, clusters e arranjos produtivos locais, ainda que recentes, são teorias tradicionais que fundamentam métodos de análise em administração e em economia, aplicados ao turismo.

São esses métodos sistêmicos, representativos da realidade produtiva, que articulam os segmentos do turismo. O enoturismo tem se desenvolvido como um dos principais segmentos de mercado do turismo, além de área de estudos em expansão no meio acadêmico no Brasil e no mundo.

O destino turístico pode atrair públicos com interesses diversificados, e seus gestores devem ter competências para administrar todos os aspectos do segmento enoturístico, na dimensão sistêmica, tanto regional quanto em cenário de globalização, cuja delimitação geográfica define-se por fronteiras de bloco de países, até por continentes, ou mesmo pela transcontinentalidade planetária.

O enoturismo contextualiza-se no turismo gastronômico. A gastronomia é componente representativo da cultura da comunidade receptora dos turistas e constitui os atrativos e os serviços do sistema turístico. Os alimentos locais têm implícita a

possibilidade de consumir simbolicamente (SCHLÜTER, 2003). A uva e o vinho estão entre os elementos da gastronomia mais representativos da cultura local. Saborear vinhos é uma forma de apreciar simbolicamente a cultura local do destino.

O principal destino enoturístico do Brasil é a Região Uva e Vinho, na Serra Gaúcha, no estado do Rio Grande do Sul. Entre as organizações representativas do turismo regional destaca-se a Associação de Turismo da Região Uva e Vinho (ATUASSERRA), a Associação dos Produtores do Vale dos Vinhedos (APROVALE), com sede em Bento Gonçalves é a organização que reúne os atores do principal roteiro enoturístico da região e do Brasil, e o Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN),

De acordo com a ATUASSERRA (2014), em 1950 a Região Uva e Vinho assumiu relativa independência sobre seu desenvolvimento e sobre seu ordenamento geográfico, ingressando no modo de produção do capitalista moderno, por meio da organização solidária e do estabelecimento de redes locais.

Conforme o IBRAVIN (2014), 600 indústrias produzem vinhos finos, e uma em quatro vinícolas (cerca de 150) atuam no segmento do enoturismo, com uma produção anual que varia em torno de 74 milhões de quilos de uvas e 48 milhões de litros de vinhos finos. Os municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi são os maiores produtores de uvas de castas nobres e de vinhos finos.

Observam-se os investimentos realizados na região em atualização com pesquisas específicas, visando à adequada identificação, configuração e inovação das identidades temáticas dos atrativos locais e também a formatação de roteiros integrados e de estratégias de marketing para o desenvolvimento enoturístico da Região Uva e Vinho (Serra Gaúcha).

O objetivo desse artigo é analisar as ações de cooperação técnica internacional em enoturismo das organizações representativas da Região Uva e Vinho, para o desenvolvimento desse segmento regional, na Serra Gaúcha (RS, Brasil).

Na estrutura do artigo, apresentam-se fundamentações conceituais para análise do contexto destacado. Economia criativa e turismo de experiência, cooperação técnica e enoturismo, embasaram o método e a análise das ações na Região Uva e Vinho (Serra Gaúcha).

## 2 ECONOMIA CRIATIVA E TURISMO DE EXPERIÊNCIA

A essência da economia criativa é a agregação de valor econômico ao longo da história de um produto e de um serviço. O desenvolvimento de cidades e de territórios encontra na economia criativa os elementos fundamentais para a produção de bens e serviços: a criatividade da população (VERHAGEN, 2011).

Para Howkins (2001), nem a criatividade e nem a economia são novas, mas a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar um extraordinário valor e riquezas são a grande novidade. Segundo a UNCTAD (2010), a economia criativa surgiu como um meio de focar a atenção no papel da criatividade enquanto uma força na vida econômica contemporânea, materializando a proposta de que o desenvolvimento econômico e cultural não caracteriza um fenômeno separado ou não relacionado, mas fazem parte de um processo maior de desenvolvimento sustentável, no qual tanto o crescimento econômico quanto o cultural podem ocorrer simultaneamente.

Assim, os setores dos produtos culturais, mídias, design, arquitetura e turismo têm contribuído significativamente para a geração de riquezas, por meio da cultura da criatividade, razão pela qual despertam cada vez mais interesse dos governos, das empresas e das organizações não governamentais. Como sinônimo de economia cultural, a economia criativa fundamenta-se no capital intelectual, gerando oportunidades profissionais e proporcionando desenvolvimento socioeconômico (DALLA COSTA; SANTOS, 2011).

A Austrália e a Grã-Bretanha foram pioneiras em conceituar a economia criativa como maneira de transformar ideias em dinheiro, ou seja, agregar valor econômico à produção que envolve a cultura da população (HOWKINS, 2001).

A economia criativa tem como vantagem possibilitar que cada país, região ou localidade explore habilidades, conhecimentos tradicionais e heranças culturais para fomentar o setor criativo e, ao mesmo tempo, promova a identidade cultural como auxiliar na inserção de atividades criativas nos setores de maior crescimento da sociedade contemporânea (UNCTAD, 2011).

A economia criativa pode ser vista como um desdobramento da economia do conhecimento. À presença fundamental do saber, da tecnologia e da rede, a economia criativa agrega outro valor fundamental: a cultura (REIS; URANI, 2011). Na ótica de John Howkins (2001), a criatividade não é monopólio dos artistas, mas está presente nos cientistas, empresários, economistas, entre outros, pois eles têm a capacidade de criar algo novo, original, pessoal, significativo e real, a partir dos saberes e dos fazeres tradicionais locais com a adição do ingrediente da criatividade.

Para Florida (2010); Ashton (2013); Reis e Urani (2011), a economia criativa abarca toda a indústria criativa e com impactos nos demais setores econômicos. Tem sua essência na criatividade, fator de competitividade econômica de uma região ou país. A economia criativa também se fundamenta nas fontes da economia da experiência. Há mais na criatividade do que produção intelectual – uma aura emocional, experiencial, vivencial, que constitui ambiente no qual ideias e respostas para novos e antigos desafios e oportunidades se manifesta de formas imprevistas.

A economia criativa baseia-se mais em redes do que em estruturas hierárquicas, possibilitando convergência de interesses públicos e privados, bem como de objetivos sociais, culturais e econômicos; e no qual as singularidades locais podem sim ser engolfadas pela massificação global ou, ao contrário, valorizados por sua unicidade (REIS, 2011, p.44).

Na economia contemporânea, a criatividade é generalizada e contínua. Os produtos são inovados e aprimorados, os processos e as atividades imagináveis se integram de novas maneiras, promovendo ambientes diferenciados, mais dinâmicos, interativos, colaborativos e atraentes, além de buscar a valorização das vocações da população local (FLORIDA, 2011; RICHARDS, 2011; ASHTON, 2015).

A criatividade e a inovação baseadas no conhecimento humano, como fator gerador de economia e de qualidade de vida nos centros urbanos, são a nova fórmula da economia criativa (REIS, 2011; LANDRY E BIANCHINI, 1995; LANDRY, 2013; ASHTON, 2015).

Desse modo, valorizando a produção e o consumo fundados na cultura da criatividade, ou

seja, aquilo que não pode ser copiado – o substrato cultural – componente inerente da sociedade criativa. Observa-se a utilização do capital cultural criativo da população, promovendo novos arranjos, criando novos produtos e gerando novos consumos, transformando as preferências pessoais (MIRANDA, 2009).

A economia criativa promove a produção e o consumo de bens e serviços baseados na cultura local e das pessoas residentes, portanto, valorizando o capital cultural e o patrimônio na busca da competitividade econômica e da qualidade de vida urbana. A criatividade surge na indústria criativa como diferencial competitivo, gerando produtos e serviços com propostas novas e valorizando as vocações locais.

Soma-se a isso o surgimento do turismo de experiência com a proposta de consumir a vivência cultural local, envolvendo uma mudança de valores na produção e no consumo turístico (Richards, 2013; Ashton, 2015). Assim, criando uma atmosfera composta pela diversidade cultural, atraindo grandes fluxos turísticos, em razão da geração de produtos e de serviços diferenciados. A presença de turistas gera desenvolvimento, pois promove o aumento nas oportunidades de emprego e renda, portanto, de benefícios para a comunidade receptora (ANDERSSON, 2005; REIS; KAGEYAMA, 2011).

Para Florida (2011) a importância do turismo está entre os fatores geradores de desenvolvimento, porque os turistas buscam experiências por meio do consumo de produtos no local da produção, gerando ambiente determinante do desenvolvimento regional.

Nesse sentido, é importante contextualizar o enoturismo no turismo de experiência, cujo conceito surgiu do arcabouço da economia da experiência. Sua proposta é a participação ativa do consumidor, motivado pela oferta de produtos com nova formatação, visando a transcender o estímulo dos cinco sentidos e proporcionar envolvimento emocional (PANOSSO NETTO, 2010).

Vale destacar que no turismo de experiência, o turista não pode ser reduzido a um espectador ou a um consumidor convencional e passivo. O turista atual descobriu que viver a experiência local proporcionada pela atividade turística é mais gratificante, gera emoções e uma vivência completa

e participativa no destino. Para Richards (2013) o consumidor turístico é mais exigente e busca viver experiências mais autênticas, representando uma ruptura com as formas tradicionais de turismo. Para a compreensão do turismo de experiência são necessários enfoques interdisciplinares nos campos psicológico, geográfico, social e econômico (DALONSO et al, 2015).

A maior fonte de diferenciação continua sendo a contribuição específica dos aspectos naturais, físicos e humanos de uma localidade. Algumas características centrais da comunidade local são exatamente o que o visitante quer ver, experimentar, compartilhar e talvez levar consigo. O visitante gosta de entrar em um mundo diferente do seu e de experimentar produtos desconhecidos (GOODNEY, 2002, p. 50).

Além da singularidade da oferta turística no destino, o turismo de experiência coloca o consumidor-turista em contato com o cotidiano do lugar, dando oportunidades para interagir, viver emoções e experimentar sensações inesquecíveis, pois proporciona sentimentos especiais, quando em interação com a cultura do local onde a experiência acontece.

Nesse contexto, o turismo de experiência se manifesta em três níveis fundamentais: 1. De absorção do conteúdo cultural local; 2. Da vivência na produção e no consumo como geradores de experiência turística; 3. da participação em ambiente criativo e colaborativo (ASHTON, 2015).

Além da beleza dos cenários e dos conteúdos das informações turísticas nos destinos que proporcionam o turismo de experiência, há a interação com aspectos da cultura local como geradores de uma vivência mais autêntica, que envolve a participação efetiva com os fazeres locais. Os destinos turísticos que valorizam a cultura da criatividade são constituídos de cenários naturais e de ambientes criados que possam gerar emoções sensoriais memoráveis.

Desse modo, a economia criativa e o turismo de experiência encontram complementaridades, pois ambos atuam no campo da criatividade, da valorização cultural advinda dos saberes e fazeres do cotidiano da população residente, da transformação das vocações locais em valor econômico e benefícios para a comunidade local, bem como da geração de melhorias na qualidade de vida.

### 3 COOPERAÇÃO TÉCNICA E ENOTURISMO

O conceito e a metodologia da cooperação técnica foram instituídos pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1959, com objetivo de promover o desenvolvimento socioeconômico. Seu escopo é o fortalecimento das instituições pela transferência de conhecimentos, de tecnologia e de capacitação pelos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento.

Para a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o objetivo da cooperação técnica internacional (CTI) consiste “na transferência de conhecimentos entre um organismo internacional e um país, ou entre países, em bases não comerciais, com vistas a alcançarem-se objetivos previamente definidos e acordados entre as partes (consubstanciados em documento de projeto), em tema específico”.

A Agência Brasileira de Cooperação (ABC) destaca que a missão da cooperação técnica para o desenvolvimento (CTPD) é contribuir para: adensamento das relações entre os países; ampliação de intercâmbios; geração e utilização de conhecimentos técnicos; capacitação de recursos humanos e fortalecimento das instituições.

De acordo com a OCDE (1992, p. 61), “a cooperação técnica abrange toda a gama de atividades de ajuda destinadas a desenvolver os recursos humanos, através de uma melhoria dos níveis de qualificação, conhecimentos, know-how técnico e aptidões produtivas de um país em vias de desenvolvimento”.

A cooperação técnica (CT) abrange: 1) doativos a nacionais dos países para formação ou estudo no país ou no exterior; 2) pagamentos a consultores, conselheiros, professores e administradores que estão nos países receptores.

Todas as atividades de CT incluem transferência de capacidades, habilidades ou conhecimentos para o país de destino da ajuda e envolvem estudos para melhorar a realidade, integrar um cooperante para reforçar os quadros técnicos de que o país dispõe; dar formação ou capacitação aos quadros locais, ou formação genérica para fortalecimento da capacidade institucional (OCDE, 2012).

O escopo da CT era a formação acadêmica em universidades dos países doadores e a formação local de profissionais das instituições. Desde os anos 1980, o foco é capacitações humanas e institucionais (*capacity building*) e fortalecimento de instituições frágeis. Nos anos 1990, enfatizou-se a reavaliação da CT, e a *capacity building* tornou-se fundamental para agências doadoras, como o PNUD e o Banco Central (PNUD, 2013).

A cooperação horizontal fortalece as relações e o estreitamento dos laços políticos e econômicos dos países. A cooperação recebida do exterior é a internalização de conhecimentos técnicos disponibilizados por organismos internacionais (cooperação multilateral) e por países mais desenvolvidos (cooperação bilateral), na ótica de aceleração do processo de desenvolvimento nacional.

Para Cervo (1994, 62), “a cooperação internacional será adequada ao desenvolvimento autossustentado se restringir-se à área científica e tecnológica, com responsabilidades e vantagens de ambos os lados; orientar-se para subáreas de maior impacto sobre as condições de vida da população; despir-se de todo caráter assistencial inerente à tradicional cooperação técnica e à cooperação caritativa”.

Em estudo sobre os casos da Brasil, da Índia e da China, no contexto da cooperação para o desenvolvimento Sul-Sul, Souza (2011, p. 85) constata diferenças relacionadas às distintas motivações na concessão.

Índia e China buscam primordialmente benefícios econômicos – e em particular o acesso a fontes de energia e matérias-primas – e estratégicos, enquanto o Brasil visa também ao *soft power* e à projeção de prestígio internacionalmente (SOUZA, 2011, p. 85).

Para Souza (2011), “há relativamente poucos estudos empíricos disponíveis sobre a cooperação para o desenvolvimento Sul-Sul. Não dispomos de dados confiáveis sobre as origens e os destinos dos recursos e de arcabouço conceitual, que nos permita estabelecer critérios para distinguir a cooperação (ou assistência) para o desenvolvimento de outros tipos de cooperação (SOUZA, 2012, p. 76).

De acordo com Afonso e Fernandes (2005, p. 74), “há vários fatores que sugerem que, se a CT foi importante no passado, maior relevância poderá ter no futuro: (i) as novas explicações da teoria do conhecimento – teoria do conhecimento endógeno; (ii) as condições que são necessárias, no país receptor, para que a ajuda seja eficaz”. As capacidades humanas são fundamentais, e a CT orienta-se nesse sentido.

Com as análises críticas dos resultados, na década de 1990, intensificaram-se as necessidades de fortalecimento institucional e de capacitação dos atores locais dos PED. Boa governança, apropriação local, parceria e sustentabilidade tornaram-se diretrizes fundamentais do novo conceito de cooperação técnica internacional.

Nesse sentido, ainda que com certo viés de verticalidade e assimetria, destacou-se a cooperação técnica entre países em desenvolvimento (CTPD) no contexto da horizontalidade das relações Sul-Sul (BERG, 1993; LOPES, 2005).

Vários são os problemas identificados no processo histórico da implementação da cooperação técnica. A verticalidade da relação e a assimetria entre os países doadores, desenvolvidos, e os países recipiendários ou em desenvolvimento (PED), e o interesse comercial implícito na estratégia não altruísta dificultaram a realização de seus objetivos e limitaram seus resultados.

No contexto de dominação pelos países desenvolvidos, não houve efetiva participação dos atores dos países recipiendários a fim de se adequarem as estratégias da CTI às realidades socioeconômicas e culturais dos países em desenvolvimento. O Consenso de Washington cooptou os PED à demanda pela cooperação técnica internacional.

A cooperação técnica em turismo contribui para o desenvolvimento do setor e para o próprio desenvolvimento socioeconômico e regional. É importante intensificar as ações e a aplicação das propostas conceituais da cooperação técnica em turismo, como setor estratégico para o intercâmbio de conhecimentos, a capacitação de pessoas e o desenvolvimento.

A cooperação técnica internacional é uma das modalidades da cooperação para o

desenvolvimento, juntamente com a cooperação financeira, a ajuda humanitária, a cooperação científica e tecnológica e a ajuda alimentar. A cooperação técnica horizontal contextualiza-se nas relações entre os países em desenvolvimento, e a cooperação técnica vertical contempla as relações entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

Para Lopes (2008), “o tema da Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento ainda causa estranhamento entre os acadêmicos das relações internacionais. De fato, o assunto ainda é pouco estudado e quase ausente das grades curriculares tanto dos cursos de graduação, como de pós-graduação da área”.

As iniciativas de cooperação técnica, cujo conceito é a transferência de conhecimentos e de capacitação para o desenvolvimento socioeconômico, são limitadas, priorizam o intercâmbio comercial entre os países e ainda não contemplam adequadamente as potencialidades e oportunidades do turismo. Estudos sobre projetos de cooperação técnica em turismo ainda são incipientes.

O Enoturismo, assim como os demais segmentos do turismo se fortalece com base os preceitos de cooperação e é definido como:

Um segmento do fenômeno turístico, que pressupõe deslocamento de pessoas, motivadas pelas propriedades organolépticas e por todo o contexto da degustação e elaboração de vinhos, bem como a apreciação das tradições, de cultura, gastronomia, das paisagens e tipicidades das regiões produtoras. É um fenômeno dotado de subjetividade, em que a principal substância é o encontro com quem produz uvas e vinhos. (VALDUGA 2012, p. 130).

Todas as modalidades de turismo organizam-se em redes. A mobilidade dos turistas é em razão da inexorável necessidade de deslocar-se entre diferentes lugares.

Infere-se que a atividade enoturística só pode ser compreendida e operacionalizada por meio da cooperação, mais ou menos orientada e coordenada. No turismo do vinho, algumas realizações importantes podem ser referidas, e o Quadro 1 sintetiza algumas dessas iniciativas.

**Quadro 1 – Projetos de Cooperação Técnica em Enoturismo.**

Organização	Local e objetivos	Fonte
AREV – Assembleia das Regiões Vinícolas Europeias.	Criada em 1988 na Europa, tem base na região francesa da Champagne. Envolve um amplo conjunto de objetivos em diversas frentes, desde atender a interesses comerciais junto a órgãos internacionais do comércio e da vitivinicultura, bem como o enoturismo e as rotas europeias de vinho. Tem 18 países membros com 61 regiões vinícolas envolvidas. No âmbito do enoturismo, prevê a valorização não somente da qualidade do vinho, mas também dos terroirs de produção, dos saberes fazeres, das tradições, do patrimônio e dos modos de vida específicos no contexto das regiões vinícolas. Trata-se da principal organização de cooperação do enoturismo europeu.	Disponível em <a href="http://www.arev.org/sites/default/files/arev_-_oenoturisme_-_fin_de_letude_outremer_conseil_-_dossier_final_31-03-2015.pdf">http://www.arev.org/sites/default/files/arev_-_oenoturisme_-_fin_de_letude_outremer_conseil_-_dossier_final_31-03-2015.pdf</a> . Acessado em 12 de junho de 2015. Livre tradução. Sitio oficial da AREV: <a href="http://www.arev.org/">http://www.arev.org/</a>
RECEVIN – Rede Europeia de Cidades do Vinho	Criada no ano 2000 e com sede na Espanha, a rede envolve 10 países europeus e mais de 800 cidades que tem no vinho um importante componente social e econômico. Sua rede é identificada pela outorga a algumas cidades do título de Cidades do Vinho e tem atuação principal na escala municipal. Com atuação direta na cooperação do enoturismo, desenvolveu a Carta Europeia do Enoturismo, com diretrizes para a atividade naquele continente; a Vademecum do Enoturismo Europeu, documento que estabelece o Sistema de Gestão de Qualidade do Enoturismo ao nível europeu a partir do qual se normaliza a metodologia para colocar em marcha, desenvolver e reconhecer as Rotas de Vinho Europeias e, o Dia Europeu do Enoturismo, estabelecido no dia 8 de novembro e visa estimular atividades turísticas conjuntas.	RECEVIN – Rede Europeia de Cidades do Vinho. Disponível em: <a href="http://www.recevin.net/target.php">http://www.recevin.net/target.php</a> . Acessado em 15 de junho de 2015.
MTV – Movimento Turismo del Vino	Criado em 1993 na Itália, engloba cerca de 1000 vinícolas no país e participa de eventos nacionais e internacionais. Tem como objetivos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a cultura do vinho através de visitas nos locais de produção;</li> <li>• Sustentar o incremento dos fluxos turísticos em todas as áreas italianas de vocação vitivinícola;</li> <li>• Qualificar os serviços turísticos nas vinícolas;</li> <li>• Incrementar a imagem e as perspectivas econômicas e de emprego nos territórios do vinho.</li> </ul>	MTV – Movimento Turismo del Vinho. <a href="http://www.movimentoturismovinoino.it/it/chi-siamo/">http://www.movimentoturismovinoino.it/it/chi-siamo/</a> . Acessado em 15 de junho de 2015. Livre tradução.
ACEVIN – Associação Espanhola de Cidade do Vinho	Criada em 2002 na Espanha, envolve municípios produtores daquele país e tem 23 rotas enoturísticas associadas. Tem um amplo escopo e no que se refere ao enoturismo propõe o desenvolvimento econômico das comunidades e sócios e a promoção de todas as formas de intercâmbio cultural, científico, tecnológico e econômico entre as cidades sócias.	Disponível em <a href="http://www.acevin.es/en">http://www.acevin.es/en</a> em <a href="http://www.wineroutesofspain.com/ver/2457/Rutas-del-vino.html">http://www.wineroutesofspain.com/ver/2457/Rutas-del-vino.html</a> . Acessado em 14 de junho de 2015.
Cátedra UNESCO Cultura e Tradições do Vinho	Cátedra com sede na Universidade da Borgonha, França com uma rede de pesquisadores que colaboram nos 5 continentes, inclusive no Brasil. Promove ações de pesquisa e eventos no âmbito da cultura e do patrimônio do Vinho, incluindo o enoturismo. Realizou no Brasil em 2013, em parceria com Universidades locais e associações, o 1º colóquio Internacional Vinho, Patrimônio, Turismo e desenvolvimento.	Disponível em <a href="http://chaireunesco-vinetculture.u-bourgogne.fr/">http://chaireunesco-vinetculture.u-bourgogne.fr/</a> . Acessado em 15 de junho de 2015.

Fonte: Elaboração Própria (2015).

#### 4 METODOLOGIA

Essa pesquisa é de natureza exploratória descritiva com análise qualitativa. Se utilizou de revisão de literatura atualizada para a compreensão das principais definições e conceitos dos termos vinculados a esse estudo. As pesquisas exploratórias proporcionam maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, procuram aprimorar ideias ou descobrir intuições.

De acordo com Dencker (2007), uma característica importante das pesquisas qualitativas é a

utilização de diferentes técnicas de coleta de dados em campo. A abordagem qualitativa possibilita a interpretação e a atribuição de significados aos fatos e elementos substanciais para a compreensão do fenômeno em pauta (SEVERINO, 2013).

A análise dos dados levantados foi aplicada, com base em conjunto de técnicas parciais, diferentes e complementares entre si, a fim de explicar e sistematizar informações documentais, atribuindo-lhe um ou mais significados, com bases dedutivas, respaldadas pela sua origem (autor), pelas suas consequências (efeitos) e pelo contexto onde foi produzida.

Segundo Bardin (2011), a operacionalização da análise de conteúdo deve seguir os procedimentos de pré-análise, codificação, categorização e inferência, com base nas respostas.

Trata-se de técnica para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. A análise de conteúdo orienta-se por critérios como: contexto, objeto ou corpus da análise, questões formuladas, objetivos da pesquisa, subjetividade e isenção científica do pesquisador (BARROS; LEHELD, 1991; MORAES, 1994).

Com base nessa fundamentação metodológica, os procedimentos são análise documental e entrevistas com os gestores de organizações representativas do enoturismo da Região Uva e Vinho (Serra Gaúcha), bem como análise do conteúdo das respostas dos entrevistados.

Destacaram-se categorias de análise, com base no conceito de Cooperação Técnica Internacional, que se fundamenta no conhecimento e na inovação, por meio de ações como: intercâmbios, convênios, para atualização, qualificação e capacitação em tecnologia, estratégias de mercado, realização e participação em cursos, seminários, workshops, congressos, acesso e produção de material didático, consultorias, viagens (missões técnicas) e outras modalidades. Reitera-se que a Cooperação Técnica Internacional pode ser recebida e transmitida.

Em razão disso, as categorias que constituíram o procedimento analítico, foram:

1. Modelo de organização internacional do setor, a orientação, ou apoio, de técnicos, consultores ou entidades internacionais, no sentido de orientações para a gestão da organização associativa (entidade), desde sua criação;
2. Ações de cooperação técnica internacional, com foco no setor vitivinícola e com foco no setor de enoturismo, para a entidade, para as empresas associadas e para o Vale dos Vinhedos;
3. Modalidades de transmissão de cooperação técnica internacional (conhecimentos), com foco no setor vitivinícola e com foco no setor de enoturismo;
4. Atuação da organização (entidade) nos principais eventos nacionais do setor, Fenavinho, Fenachamp, Fenavindima e Festa da Uva, no atendimento de gestores de entidades, empresários, ou executivos internacionais, com foco no setor vitivinícola e no

enoturismo e para contribuir com a realização dos próprios eventos;

5. Informações da organização de que vinícolas, ou empresas do setor vitivinícola, associadas e de organizações parceiras tenham realizado ações de cooperação, com foco no setor vitivinícola e com foco no setor de enoturismo.

A pesquisa de campo foi por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, realizadas nos meses de julho a setembro de 2015, por telefone e por e-mail, com sete questões abertas. Os entrevistados foram os gestores das Associações vinculadas a essa temática de estudo, tais como: a Diretora-executiva da Associação de Turismo da Região Uva e Vinho – ATUASERRA; o Presidente da Associação de Produtores do Vale dos Vinhedos – APROVALE; o Secretário Municipal de Turismo de Bento Gonçalves; a Secretária Municipal de Cultura de Garibaldi e Ex-Secretária de Turismo do mesmo Município e do Município de Bento Gonçalves. Os dois municípios são os maiores produtores nacionais de vinhos finos e de uvas de castas nobres. Garibaldi é o maior produtor de espumantes do Brasil.

## 5 REGIÃO UVA E VINHO (SERRA GAÚCHA)

De acordo com a ATUASERRA (2015), em 1950, a Região Uva e Vinho assumiu relativa independência sobre seu desenvolvimento e sobre seu ordenamento geográfico, ingressando no modo de produção do capitalista moderno, por meio da organização solidária e do estabelecimento de redes locais. É a maior produtora de uvas e de vinhos do Brasil, concentrando 85% da produção nacional.

Em razão disso, a Região é sede dos maiores eventos brasileiros do setor: Festa Nacional da Uva, Festa Nacional do Vinho (FENAVINHO), Festa Nacional da Vindima (FENAVINDIMA) e Festa do Espumante Brasileiro (FENACHAMP), realizados, respectivamente, nos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Flores da Cunha e Garibaldi

A Região Uva e Vinho, na Serra Gaúcha, reúne 47 municípios: Antônio Prado, Barão, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Camargo, Carlos Barbosa, Casca, Caxias do Sul, Ciríaco, Cotiporã, David Canabarro, Flores da Cunha, Fagundes Varela, Farroupilha, Garibaldi, Guaporé, Ipê, Monte Belo do Sul, Muliterno, Nova Alvorada, Nova Araçá, Nova

Bassano, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Pinto Bandeira, Protásio Alves, Santa Tereza, Santo Antônio do Palma, São Domingos do Sul, São Marcos, Serafina Correa, Vanini, Veranópolis, Vila Flores, Vila Maria, Vista Alegre do Prata.

A videira é cultivada em 16 dos seus 24 municípios associados à Atuaserra: Antônio Prado, Barão, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Casca, Cotiporã, Flores da Cunha, Farroupilha, Garibaldi, Guaporé, Monte Belo do Sul, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Protásio Alves, Santa Tereza, Santo Antônio do Palma, São Marcos, Serafina Correa, Veranópolis e Vila Flores.

Uma das experiências oferecidas é acompanhar a elaboração dos vinhos e degustar o resultado desta elaboração nas cantinas. São 83 opções, das pequenas vinícolas familiares às empresas tradicionais da região. São diversos os motivos para visitar os roteiros e atrativos. O turista encontrará: a cultura no Meio Rural – que apresenta os Roteiros Caminhos da Imigração, Caminhos de Pedra, Caminhos de Faria Lemos, Caminhos do Salto Ventoso, Vale do Rio das Antas, Do passado ao futuro (novo roteiro de Carlos Barbosa), Caminhos da Colônia, Estrada do Imigrante e Estrada do Sabor e o mais recente Desvio Blauth, entre Farroupilha e Garibaldi. Os vinhos: a Alma da Região, Vale dos Vinhedos, Rota das Cantinas, Rota dos Espumantes, Vinhos de Pinto Bandeira, Vale Trentino, Vinhos e Longevidade, Vinhos dos Altos Montes e os Vinhos e Espumantes de Monte Belo do Sul. Conhecendo as cidades, em *city tours*, podem-se comprar jóias, semi-jóias, langeries e roupas esportivas em Guaporé. Farroupilha, Caxias do Sul e Bento Gonçalves destacam-se pelos seus centros comerciais. O Polo de Aventura Rio das Antas: Rafting, Rapel, Tirolesa, Eco Parque Nova Roma do Sul, Treking, Canionismo, Paraglider, Escalada, Passeio de Jeep e Pêndulo, passeios a cavalo em Cotiporã e Farroupilha (ATAUSERRA, 2015).

Vinhedos, Rota dos Trigais, Compras e cultura, Thermas e Longevidade e Vales da Serra também são atrativos diferenciados. A região foi contemplada pela certificação do Bem Receber e pela Economia da Experiência, em razão da sua infraestrutura turística adequada e da sua hospitalidade. O Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (SHRBS) reúne associados que oferecem mais de seis mil leitos. Ministério do Turismo, EMBRATUR, SETUR, SEBRAE, SENAR, EMATER, Instituições de Ensino Superior (UCS, FISUL, Faculdade Cenecista, IFRS, IBRAVIN) são organizações parceiras em vários projetos. Na área de ciência e tecnologia, convênios nacionais e internacionais proporcionam conhecimento aos empreendedores, visando a inovar a oferta turística regional.

## 6 PESQUISA DE CAMPO E RESULTADOS

A Associação de Turismo da Região Uva e Vinho (ATUASERRA) foi criada em 1968, integrando representantes do setor público (prefeituras municipais). Em 1985, a participação ampliou-se, com o ingresso de associados do setor privado. Em relação à cooperação técnica internacional, com foco no setor vitivinícola e com foco no setor de enoturismo, para a entidade, para as empresas associadas e para o Vale dos Vinhedos, a Diretora-executiva relata que, especificamente, para o Vale dos Vinhedos, foram implementadas ações da ATUASERRA desde a criação do roteiro. Técnicos provenientes da Itália orientaram a criação do consórcio, que foi o mote que originou a APROVALE (Associação de Produtores do Vale dos Vinhedos).

A ATUASERRA contribuiu significativamente para o desenvolvimento de pequenos e novos negócios, bem como para captar recursos por meio do SEBRAE Nacional e para viabilizar pesquisas da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Ninguém se refere a isso hoje, mas pagamos uma conta que passou de um milhão de reais. Temos a AENOTUR (Associação Internacional de Enoturismo), participamos da criação do Congresso Latino Americano de Enoturismo, explica a Diretora. A estrutura e a coordenação do Congresso estavam sob a coordenação da ATUASERRA, que, atualmente, é responsável por: captação de recursos, apoio financeiro, promoção e divulgação do evento.

A entidade participa em eventos nacionais e internacionais, como a ExpoVinis Brasil, o maior evento de Vinho da América Latina, que se realiza no Expo Center Norte, em São Paulo (SP), reunindo os principais produtores de diferentes continentes e dez mil visitantes profissionais.

O envio de jovens para Itália, por meio da ANEA Brasil, visando à preservação da tradição vitivinícola e da vitivinicultura. A ANEA Brasil é a Associação Nacional dos Migrados e Ex-emigrados das Américas e da Austrália para o Brasil. Seu objetivo é preservar e divulgar a cultura da imigração italiana.

Os objetivos da criação da Associação de Produtores do Vale dos Vinhedos (APROVALE) foram: melhorar a qualidade dos vinhos; produzir estudos sobre o meio ambiente e as influências do clima na produção vitivinícola; incentivar a preservação da cultura, por meio da participação da comunidade local; desenvolver o turismo e consolidar o conceito

de Indicação Geográfica. De acordo com o Presidente da APROVALE, “Este último item, motivo de diferenciação das demais regiões vinícolas brasileiras, teve por inspiração nas indicações geográficas europeias, tradicionais e reconhecidas mundialmente. A principal orientação foi de técnicos da EMBRAPA Uva e Vinho, da Universidade de Caxias do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”.

No campo ambiental, a Associação de Produtores do Vale dos Vinhedos (APROVALE) tem atuado na coleta de informações climáticas na área demarcada do Vale dos Vinhedos, em cooperação com a EMBRAPA, que integra a Rede Internacional de Vinho e Cultura da UNESCO. A fundadora e presidente da Rede Internacional Vinho e Cultura da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), Jocélyne Pérard, uma das maiores autoridades em climatologia vitícola mundial, esteve na Serra Gaúcha, em 2007, para estabelecer as parcerias da EMBRAPA e da APROVALE com a Cátedra da UNESCO, que mantém uma de suas sedes na Universidade de Borgonha (França).

A APROVALE recebe pesquisadores internacionais, com objetivos diversos. O Presidente da entidade menciona, como exemplos, as recepções, em agosto de 2015 de um pesquisador de Veneza (Itália), para trabalho de intercâmbio, e de uma pesquisadora da FAO, em estudos sobre os impactos da indicação geográfica no Vale dos Vinhedos. Como de costume, nesses dois casos, os pesquisadores comprometeram-se a encaminhar os resultados de suas pesquisas à APROVALE. No evento ExpoVinis Brasil, a associação atende empresários estrangeiros interessados no mercado fornecedor vinícola nacional. O Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN) tem apoiado a APROVALE, com a realização de pesquisas sobre o mercado para os vinhos brasileiros na América do Sul.

O Secretário Municipal de Turismo de Bento Gonçalves destaca que a Secretaria tem realizado ações de cooperação técnica internacional, com foco no setor vitivinícola e no turismo, visando ao fortalecimento institucional das entidades e à melhoria da qualidade dos produtos turísticos e enoturísticos. Temos realizado uma série de ações que envolvem além dos temas mencionados, a área cultural, que está diretamente ligada ao turismo. Para

isso, a Secretaria tem a participação de consultorias especializadas, afirma o Secretário.

Na transmissão de cooperação técnica internacional (conhecimentos), com foco no setor vitivinícola e no turismo, além de diversas ações em 2014, a Secretaria de Turismo de Bento Gonçalves estabeleceu, recentemente, convênio com a Universidade de Veneza (Itália) e recebeu, para intercâmbio, um aluno que permaneceu 30 dias, na região, em agosto de 2015. Está em andamento projeto também de parceria com a Universidade de la Sapiência, de Roma, por meio do qual realizou-se o lançamento do livro da pesquisadora Flavia Cristaldi, sobre regiões vitivinícolas do mundo todo.

O Secretário de Turismo informa que, no evento Festa Nacional do Vinho (FENAVINHO), existem intercâmbios de delegações, principalmente do Mercosul e da Itália, para visitas técnicas, e que Bento Gonçalves mantém gemellagios, convênios com cidades italianas irmãs, acordo de cidade irmã com Cartaxo de Portugal e hermanamento com Luan de Cuyo, na Argentina. Outro acordo de cidades irmãs, em fase de formalização, é com o município canadense de Vittoria Ville, onde o turismo é um dos setores contemplados para intercâmbios.

A Secretaria de Turismo de Bento Gonçalves, o IBRAVIN o Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares da Região Uva e Vinho (SHRBS) e a ATUASERRA integram a AENOTUR, a qual desenvolve ações com outros países, como Argentina, Uruguai, Itália, Portugal e Espanha, na atividade do enoturismo. Em contexto internacional, o IBRAVIN atua na promoção dos vinhos brasileiros e do enoturismo, em diversos países. De 7 a 10 de setembro de 2015, a Secretaria de Turismo de Bento Gonçalves (juntamente com a Vinícola Lídio Carraro e com o IBRAVIN) participou, na Expomilano (Itália), de encontro promovido pelo Ministério do Turismo e EMBRATUR, com rodada de negócios de empresários brasileiros e estrangeiros para ampliação de parcerias em enoturismo.

A Secretária de Cultura de Garibaldi destaca o gemellaggio do município com Conegliano (região do Vêneto, província de Treviso, Itália): Enviamos propostas para intercâmbios de profissionais da vitivinicultura e enoturismo, atuamos na constituição da Associação Internacional de Enoturismo (AENOTUR). Em visita a Portugal e Espanha, foi criada a entidade. Atualmente, a Secretária de Turismo de Garibaldi é a Vice-Presidente da AENOTUR para a América Latina.

A consolidação do enoturismo e o intercâmbio de informações sobre esse segmento são prioridades da gestão municipal de Garibaldi. Nesse sentido, outras iniciativas são: convênio de geminação com Anadia (Portugal); participação na criação do Congresso Latino Americano de Enoturismo e na sua internacionalização. As edições mais recentes do evento foram em Viana do Castelo (Portugal), em Cambados (Espanha) e em Montevideu (Uruguai), todas com participações de produtores da Região Uva e Vinho.

Garibaldi mantém relações com o Comitê do Champagne (França). Os gestores da entidade visitam anualmente o município e a região Uva e Vinho, visando a acompanhar (fiscalizar) as práticas, que envolvem a marca champagne, e com o sucesso das ações implementadas, estão em articulação parcerias para ampliar as visitas técnicas à região. Os gestores do turismo e da cultura de Garibaldi atendem convites para palestras internacionais, cujas temáticas são sobre o enoturismo regional.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de Cooperação Técnica Internacional fundamenta-se no conhecimento e na inovação, por meio de ações como intercâmbios, convênios, para atualização, qualificação e capacitação em tecnologia, estratégias de mercado, realização e participação em cursos, seminários, workshops, congressos, acesso e produção de material didático, consultorias, viagens (missões técnicas) e outras modalidades. A Cooperação Técnica Internacional pode ser recebida e transmitida.

O objetivo deste artigo foi analisar a formulação e a implementação de ações de cooperação técnica internacional em enoturismo, de organizações representativas da Região Uva e Vinho, para o desenvolvimento desse segmento regional, na Serra Gaúcha. Para a produção da pesquisa, destacaram-se os conteúdos das entrevistas com atores representativos do setor turístico e do segmento enoturístico da Região Uva e Vinho (Serra Gaúcha).

Os gestores das organizações, Associação de Turismo da Região Uva e Vinho (ATUASERRA), Associação de Produtores do Vale dos Vinhedos (APROVALE), Secretaria Municipal de Turismo de Bento Gonçalves e Secretaria Municipal de Cultura de

Garibaldi confirmaram que as organizações regionais têm realizado ações de cooperação técnica internacional, com foco no setor vitivinícola e no turismo, para o fortalecimento institucional das entidades e para a melhoria da qualidade os produtos turísticos e enoturísticos, com base na economia criativa e no turismo de experiência.

Além disso, as organizações, cujos gestores responderam às entrevistas desta pesquisa, têm proporcionado cooperação técnica internacional (transmitido conhecimentos), com foco no setor vitivinícola e no turismo.

As entidades participam de eventos nacionais e internacionais, como a ExpoVitis Brasil, o maior evento de Vinho da América Latina, e do Congresso Latino Americano de Enoturismo, não somente na condição de expositoras, mas de realizadoras do evento.

A viabilização da atuação de técnicos provenientes da Itália para a criação do consórcio, que foi o mote que originou a APROVALE (Associação de Produtores do Vale dos Vinhedos) e o envio de jovens para a Itália, por meio da ANEA Brasil, pela ATUASERRA, visando à preservação da tradição vitivinícola e da vitivinicultura; a atuação da APROVALE, junto com a EMBRAPA, que integra a Rede de Internacional de Vinho e Cultura da UNESCO, para estudos das influências climáticas no cultivo das videiras e a recepção de pesquisadores da Itália para estudos dos impactos da indicação geográfica no Vale dos Vinhedos são iniciativas relevantes de cooperação técnica internacional em enoturismo, no contexto do turismo criativo.

No mesmo sentido, o convênio para intercâmbios com a Universidade de Veneza (Itália) e o projeto de parceria com a Universidade de la Sapiência, de Roma, as delegações, principalmente, do Mercosul e da Itália, para visitas técnicas por ocasião da FENAVINHO, os convênios com cidades italianas irmãs, o acordo de cidade irmã com Cartaxo de Portugal, o hermanamento com Luan de Cuyo, na Argentina o acordo com o município canadense de Vittoria Ville, são ações destacadas da gestão pública municipal de Bento Gonçalves (maior produtor de vinhos finos e de uvas nobres do país), que tem participado, também, da Expomilano (Itália).

O gemellaggio com Conegliano (região do Vêneto, província de Treviso, Itália), atuação da Secretaria de Turismo na vice-presidência da

AENOTUR, o convênio de geminação com Anadia (Portugal), o sucesso das relações com o Comitê do Champagne (França) são demonstrações evidentes do êxito das ações de cooperação técnica internacional do município de Garibaldi, o maior produtor de espumantes do Brasil.

Conclui-se que a Região Uva e Vinho têm potencialidades de maior desenvolvimento do enoturismo, com base na economia criativa, por meio da atuação em cooperação técnica internacional pelas organizações analisadas e pelas demais organizações representativas do setor. Nessa região é considerável a prática do turismo de experiência, que conforme observado proporciona emoções e aproximação nas questões vinculadas a cultura e as vocações locais.

## REFERÊNCIAS

- AENOTUR – Associação Internacional de Enoturismo, 2015. Disponível em: <http://www.aenotur.org/>. Acesso em: 01 de setembro de 2015.
- AFONSO, M. M.; FERNANDES, A. P. ABCD: *Introdução à cooperação para o desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Marquês de Valle Flôr, 2005.
- AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO (ABC). Publicado em [www.abc.gov.br]. Disponibilidade: 30 de outubro de 2014. 2014.
- ANDERSSON, A. Criatividade e desenvolvimento regional. *Regional Science*, 56, pp.5-20, 2005
- ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: produção e consumo turístico. In Panosso Netto & Ansarah (orgs). *Produtos Turísticos e novos Segmentos de Mercado*. Barueri, SP: Manole. pp. 292-307, 2015.
- ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: análise reflexiva das relações com o Turismo. In: Dusan Schreiber. (Org.). *Inovação e Aprendizagem Organizacional*. Novo Hamburgo: Feevale, v. 1, pp.230-245, 2013.
- ASHTON, M. S. G.; TOMAZZONI, Edegar L.; EMMENDOERFER, M. Elementos para a validação de cidades criativas como destinos turísticos competitivos. *TURyDES (Málaga)*, v. 7, p. 1-16, 2014.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BERG, E. J. *Rethinking technical cooperation: reforms for capacity building in Africa*. New York: UNPD/DAI. 1993.
- CERVO, A. L. Socializando o desenvolvimento: uma história da cooperação técnica internacional do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional* 37 (1), pp. 38-63, 1994.
- DALLA COSTA, A; SOUZA-SANTOS, E. R. Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. *Economia & Tecnologia*. Ano 07, v. 25, pp. 1-8, 2011.
- DALONSO, Y. S.; Lourenço, J. M.; REMOALDO, P.C.; PANOSSO NETTO, A. Políticas, eventos e turismo de experiência. In PANOSSO NETTO, A. & ANSARAH, M. *Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado*. Barueri, SP: Manole. pp.114-132, 2015;
- DENCKER, A. F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 2007.
- EBRAPA *Uva e Vinho*. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/noticias/2007/2007-05-02.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2015.
- EMMENDOERFER, M. L.; ASHTON, M. S. Territórios Criativos e suas Relações com o Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 7(4), 459-468, 2014.
- FLORIDA, R. A ascensão da classe criativa e seu papel na transformação do trabalho, lazer, comunidade e cotidiano. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- GOODEY, B. Interpretação e comunidade local. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.
- HOWKINS, J. *The creative economy: how people make money from ideas*. London: Penguin UK, 2001.
- JOFFE, A. Reflexões da África do Sul. In: REIS, A. C. F; KAGEYAMA, P. (Orgs.). *Cidades criativas: perspectivas* - São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011
- LANDRY, C.; BIANCHINI, F. *The creative city*. Leicester: Earthscan, 1995.
- LANDRY, C. *Origens e Futuros da Cidade Criativa*. São Paulo: SESI-SP, 2013.
- LOPES, C. *Cooperação e desenvolvimento humano: a agenda emergente para o novo milênio*. São Paulo: UNESP, 2005.
- LOPES, L. L. A. *A cooperação técnica entre países em desenvolvimento (CTPD) da Agência Brasileira de Cooperação (ABC-MRE): o Brasil como doador*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas UNESP, UNICAMP, PUC-SP. São Paulo, 2008.
- MEDEIROS, M.; TEIXEIRA JR, A.; REIS, E. *O Mercosul na agenda de pesquisa contemporânea da política internacional*. BIB, São Paulo, nº 70, p. 7-29, 2010.
- MERCOSUL. Mercado Comum do Sul. Disponível em <[www.mercosur.int](http://www.mercosur.int)> Acessado em 10 de Novembro de 2014, 2014.
- MIRANDA, R. [Rio] *Cidade Criativa: cultura como quarto pilar do desenvolvimento*. Fórum Internacional Rio Cidade Criativa, 2009. Disponível em: [http://cidadecriativa.org/download/Rio\\_Cidade\\_Criativa\\_Cultura\\_como\\_Quarto\\_Pilar\\_do\\_Desenvolvimento.pdf](http://cidadecriativa.org/download/Rio_Cidade_Criativa_Cultura_como_Quarto_Pilar_do_Desenvolvimento.pdf). Acessado em 17/2015.
- MORAES, R. Análise de conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M.E.A. (Org). *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

- OECD. *Development co-operation report*, 2012 publicado em <http://www.oecd.org/dac/dcr2012.htm>.  
Disponibilidade: 30 de outubro de 2014.
- PANOSSO NETTO, A. Experiência e turismo: uma união possível. In: PANOSSO NETTO, A. & GAETA, C. (Orgs.). *Turismo de experiência*. São Paulo: SENAC, pp. 43-55, 2010.
- PNUD. Capacity development, 2014. Publicado em [<http://www.undp.org/content/undp/en/home/ourwork/capacitybuilding/overview.html>].  
Disponibilidade: 30 de setembro de 2014.
- REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Orgs.) *Cidades criativas: perspectivas* - São Paulo: Garimpo de Soluções, 2014.
- REIS, A. C. F.; URANI, A. Cidades criativas: perspectivas brasileiras In: REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Orgs.). *Cidades criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.
- RICHARDS, G. Creativity and tourism: the state of the art. *Annals of tourism research*, 38(4), 1225-1253, 2011.
- SCHUCH, Carlos H. Desempenho da cadeia produtiva da indústria do Turismo. In: Barretto Margarita e REJOWSKI, Mirian (Orgs.). *Turismo: interfaces, desafios e incertezas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013.
- SCHLÜTER, R. *Gastronomia e turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.
- SOUZA, André de Mello. A Cooperação para o desenvolvimento Sul-Sul: os casos do Brasil, da Índia e da China. *Boletim de Economia e Política Internacional*, v. 09, pp. 89-99, 2011.
- STRICKLAND, B. Cidade criativa. In: REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Orgs.). *Cidades criativas: perspectivas* - São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.
- UNITED Nations. Creative Economy: A Feasible Development Option. *Creative Economy Report* 2010. Geneva/New York: UNCTAD/UNDP, 2010.
- VALDUGA, V. O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos (RS/Brasil). *Revista de Cultura e Turismo – CULTUR*, ano 6, n. 2, pp. 127-143, 2012.
- VERHAGEN, E. Qualidade líquida de cidade. In: REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Orgs.). *Cidades criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

<sup>1</sup> Esse trabalho integra projetos de pesquisa parceiros: Cooperação Técnica em Turismo no Mercosul, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP) – CNPq, Processo 408452/2013-7; Grupo de pesquisa Enoturismo, Cultura Alimentar, Patrimônio do Vinho e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), CNPq, Processo 8956236961586413; Cidades e Criativas e Turismo: análise das dinâmicas de produção e consumo turístico e seu reflexo no desenvolvimento socioeconômico, da Universidade Feevale (RS), CNPq Processo 408841/2013-3.